

POR QUE NÃO HÁ NO *TIMEU* UM CONCEITO DE “MATÉRIA”: *Tl. 48a-53b*

JOSÉ TRINDADE SANTOS

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

I

1. O objetivo deste texto é defender a tese de que não há no *Timeu* um conceito de ‘matéria’. Parece hoje absurdo sustentar tal ponto de vista, pois, muito antes de Platão, desde que os homens buscaram respostas para a pergunta acerca da origem do mundo, encontraram-nas na explicação *daquilo* de que o mundo é feito. Ora, que pode isso ser se não a matéria¹?

A resposta depende do que se entende por ‘matéria’, pois, ao longo dos quase 25 séculos em que o conceito é usado, em diversas línguas e culturas, só a partir da Modernidade ele ganha um sentido unívoco. Particularmente, na Antiguidade, penso que não se encontra nos textos da tradição pré-socrática um conceito de ‘matéria’ que suporte uma teoria acerca dos constituintes da realidade. Anaxágoras será o primeiro a levantar a questão dos constituintes das “coisas”. Mas só Aristóteles fixará um termo para referir o conceito que, na *Física A*, será inserido numa teoria coerente.

Penso que os Gregos clássicos não prestaram atenção à pergunta – “De que são feitas as coisas?” –, mas a outras, como – “Por que são as coisas como são?” –, ou “Como se geram e destroem as coisas?”. Para tal, tiveram de pensar em “coisas”, mas, a ideia de que há um constituinte amorfo², comum a todas elas, não é sequer pressuposta em qualquer destas perguntas.

Por outro lado, há que contar com a perspectiva pela qual a questão

¹ TOULMIN, S.; GOODFIELD, J. *The Architecture of Matter*. London: Hutchinson, 1962. Cf. p. 43-130. A mesma abordagem tinha sido adotada pelo clássico de SAMBURSKY, S. *The Physical World of The Greeks*. London: Routledge and Kegan Paul, 1956. Cf. p. 105-157, 184-203, entre muitos. Na perspectiva destes autores, qualquer tentativa de explicação da estrutura do cosmos implica um conceito de ‘matéria’, expresso numa teoria de “constituintes”, ou de “ingredientes” de cuja “mistura” eventualmente provém a realidade.

² Ao contrário, Aristóteles e a tradição doxográfica atribuem aos Milésios a teoria de que deve haver uma natureza original, a partir da qual todas as coisas se formam.

é encarada. Não contesto que, no *Timeu*, Platão implica que todos os corpos se geram a partir de fogo, ar, água e terra, e se corrompem neles³. Pergunto, sim, e adiante tentarei mostrar que a análise platônica do conceito de ‘elemento’ não implica um conceito de ‘matéria’.

Para dar ideia de como esta precisão não será fastidiosa cito dois exemplos, a que no final voltarei. Na *Física* Δ2, 209b10-17, Aristóteles sustenta que, no *Timeu*, Platão “afirma que a matéria [ύλη] e o “espaço/lugar” [χώρα] são a mesma coisa”⁴.

Esta afirmação tem consequências no pensamento posterior. Veja-se, por exemplo, cerca de seis séculos mais tarde, o *Comentário* do neoplatônico Calcidio ao *Timeu*, no qual, o comentador, tendo começado por traduzir χώρα por “lugar” (*locus*), passa depois a traduzir o termo por “matéria” (*silva*)⁵.

Talvez alguém questione o interesse de nos interrogarmos sobre o sentido atribuído a um termo antigo que, quando muito, poderá ser entendido como um antepassado mais ou menos longínquo do conceito hoje usado. Em resposta permito-me citar a posição de Aristóteles sobre a investigação de conceitos:

Em relação à ciência que estamos a investigar [a metafísica] é necessário examinar primeiro as aporias [aporêsai] que começam por se nos apresentar, aquelas que acerca dessa questão outros consideraram, bem como o que fora delas terá sido omitido.

Os que querem ultrapassar as aporias [euporêsai] hão-de começar por explorá-las bem [diaporêsai kalôs], pois a posterior ultrapassagem das aporias [euporia] resulta de se terem desenhovilhado das aporias anteriores [lýsis tôn próteron aporouménon], e não se desenhovilha quem desconhece o nó [desmón], além de que a aporia da reflexão aponta para a da coisa, visto que quem está na aporia [aporeî] fica imobilizado, como quem está amarrado: um e outro são incapazes de avançar em frente.

Por isso se torna necessário contemplar primeiro todas as dificuldades, não só pelo que foi dito, mas porque os que investigam sem terem explorado antes as aporias [diaporêsai próton] são semelhantes aos que ignoram onde devem ir, por nem sequer saberem se encontraram o que buscavam; pois a finalidade [da investigação] só é manifesta a quem previamente considerou as aporias [proeporekóti]. E ainda é necessário que se ache em

³ Ver a análise do argumento em: OSTENFELD, E. N. *Forms, Mind and Matter*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1982. Cf. p. 121-132.

⁴ Esta posição mereceu correção da generalidade dos comentadores; por exemplo, TAYLOR, A. E. *A Commentary on Plato's Timaeus*. Oxford: Clarendon Press, 1928, (*ad Tim.* 52b4) e BURNET, J. *Greek Philosophy I: Thales to Plato*. London: MacMillan, 1914. Cf. p. 280.

⁵ Vide BORDOY, Antoni. El espacio y la materia en el *Timeo* de Platón: sobre la traducción de Calcidio del término χώρα. *Archai*, Brasília, n. 5, p. 119-128, jul. 2010.

melhor situação para decidir aquele que – como se de litigantes se tratasse – deu ouvidos a todos os argumentos opostos.⁶

Defende o Estagirita que a filosofia não pode se fazer se os conceitos (ou teorias) usados não forem criados a partir da crítica dos conceitos usados por outros pensadores que sobre a questão estudada tenham emitido hipóteses ou proposto teorias. Entendendo o conhecimento como uma empresa cumulativa, Aristóteles defende que os novos conceitos devem provar a sua capacidade de superar as dificuldades que se acham condensadas nos conceitos usados pelos pensadores anteriores; pois é nelas que se acha “o nó” que impede o conhecimento do real.

Implicitamente o Estagirita parece defender uma tese acerca do progresso do conhecimento. Se cada conceito contém a solução para um ou mais problemas expressos nos conceitos anteriores, cada novo conceito dá origem a novos problemas, cuja solução vai requerer conceitos ainda não criados.

São muitos os possíveis exemplos da prática de crítica conceitual na obra de Aristóteles, por exemplo, no *De anima*, ou na *Física*. Mas é particularmente interessante a tese que critica Platão pela “confusão” alegadamente cometida no *Timeu*, que a teoria aristotélica sobre o “espaço/lugar”⁷ (*tópos*: *Física* Δ2-5) corrige.

Não será difícil mostrar que a alegada “confusão” de Platão é produto de um equívoco de Aristóteles. Mas há muito a aprender com esta discrepância. Por um lado, o que parece uma insuficiência do Mestre de Academia constitui uma deliberada estratégia de preservação da Teoria das Formas (TF), permitindo a sua aplicação ao estudo do real. Por outro lado, a teoria aristotélica do “espaço/lugar” constitui um excelente exemplo de inovação através da crítica, introduzindo conceitos que irão revolucionar a investigação do mundo físico.

2. Voltando aos pré-socráticos; de acordo com Aristóteles, a investigação da Natureza começa com a busca dos princípios⁸. Desta tese o Estagirita retira dois postulados:

⁶ ARISTÓTELES. *Metafísica*, III, 1, 995a22-b3.

⁷ Habitualmente, o termo *‘khýra’* é simplesmente traduzido por “espaço”, mas esta tradução retira-o dos contextos em que é inserido tanto por Platão, como por Aristóteles.

⁸ ARISTÓTELES. *Física*, A 1,184a10-15.

1. há movimento na natureza⁹;
2. os elementos são os contrários¹⁰.

2.1 Os Milésios teriam sido os primeiros a considerar “princípios” os contrários, ou elementos, achando-se a tese direta ou indiretamente implícita na adoção do “modelo cosmológico do vórtice”. Imagina-se que o cosmos se formou a partir de um turbilhão, por meio do qual os contrários “são discriminados” (ou “separados”: *enkrínesthai*) a partir de uma natureza originária¹¹.

O objetivo deste modelo cosmológico é explicar a geração do mundo tal como ele se teria mostrado a um observador imaginário. Mas as limitações do modelo são evidentes, pois, embora os contrários funcionem bem como princípios explicativos da variação qualitativa dos fenômenos, dificilmente podem ser tomados como princípios constitutivos da natureza das “coisas”¹².

Na tradição, o modelo acumula estas duas funções, que divergirão uma da outra, a partir da recepção da crítica eleática à geração e corrupção¹³. A crítica vai provocar a divisão das abordagens dos problemas, pois, enquanto os aspectos qualitativos da mudança serão assimilados por argumentos epistemológicos, o debate sobre a natureza, ou naturezas, que os suportam será tratado de uma perspectiva ontológica.

2.2 Pelo que Aristóteles dá a entender e a doxografia confirmará, a teoria do vórtice acha-se associada a Anaximandro¹⁴. É possível seguir a carreira desta teoria na tradição: de Empédocles¹⁵, passando por Anaxágoras e Arquelaus¹⁶, até chegar a Leucipo¹⁷. A teoria será ainda ecoada por Platão no contexto da sua narrativa sobre a gênese do cosmos¹⁸. Aí, porém, aparece já

⁹ ARISTÓTELES. *Física*, A 1,185a12-14.

¹⁰ ARISTÓTELES. *Física*, A1, 4.

¹¹ ARISTÓTELES. *Física*, A4,187a20-23; SIMPLÍCIO. *Física*, 24,13; DK12A9.

¹² Até Anaxágoras, a expressão “as coisas” – traduzindo vários termos e expressões gregos, como *tà pánta* (“todas as coisas”), ou apenas o pronome definido plural “*ta*” – refere as naturezas físicas. Os *kbrémata* (“coisas”) de Anaxágoras não clarificam a situação; só os *súmata* que Aristóteles atribui aos Atomistas referem especificamente “corpos”. Como se verá adiante, a distinção reveste-se da maior importância.

¹³ PARMÊNIDES, B8.1-24.

¹⁴ ARISTÓTELES. *Física*, A4; DK12A9.

¹⁵ DK31B35.

¹⁶ DK60A4.

¹⁷ 67A1.31.

¹⁸ PLATÃO. *Timeu*, 52d-53a.

despida da função para que terá sido originalmente concebida, de explicar a formação do cosmos.

Todavia, apesar da importância que Aristóteles lhe atribui, a gradual transformação da teoria do vórtice começa logo com o próprio Anaxágoras, que, embora a aceite como descrição do início do processo originador do cosmos, submete-a já a transformações radicais. O vórtice não é mais produzido pela dinâmica de qualquer princípio elemental, mas pela rotação do Espírito (B12), nem produz a separação dos constituintes das coisas.

Surpreendentemente, porém, apesar de o Espírito dever atuar como um princípio vitalista, o seu poder causador é restringido a processos mecânicos, de definição da unidade dos cosmos e de agregação e separação das coisas, nos quais os contrários como tal já não intervêm¹⁹.

Consequentemente, parece inegável que só por analogia e anacronismo estas concepções, que explicam a formação do cosmos pela dinâmica de princípios “materiais” ou “espirituais”, tenham a ver com um conceito tão abstrato quanto o de ‘matéria’. No entanto, é com surpresa que se verifica ter sido o próprio Anaxágoras o primeiro a contribuir para a formação desse conceito, ao defender que cada coisa: “... é e era o que nela é mais evidente”²⁰.

Esta é mais uma estranheza do pensamento de Anaxágoras, pois é possível que essa observação passageira, que remata B12, tivesse passado despercebida se Aristóteles não tivesse mostrado a função capital que desempenha na teoria:

[...] dizem que tudo está misturado em tudo [...] e as coisas diferentes aparecem e são chamadas umas em relação às outras a partir daquilo em que [cada uma] mais excede na mistura dos infinitos²¹; [...] sendo [as coisas] ditas pelo que [nelas] excede²².

Os dois passos parecem bastar para que a matéria passe a valer como princípio constitutivo tanto da existência, como da natureza das coisas, tal como é concebida²³. Todavia, é também certo que a noção de “coisas” se mostra excessivamente vaga para que nela a matéria ganhe lugar significativo.

¹⁹ B13; B8, B9; vide PLATÃO. *Fédon*, 97b-98c.

²⁰ DK59B12.16-17.

²¹ ARISTÓTELES. *Física*, A4, 187b1-4.

²² ARISTÓTELES. *Física*, A4, 187b23-24.

²³ Vide ARISTÓTELES. *Metafísica*, Γ5, 1009b25.

É esta vaguidade que se altera nos diversos passos das obras físicas e metafísicas em que Aristóteles se refere aos Atomistas²⁴:

Leucipo e o seu camarada Demócrito sustentam que os elementos são o cheio e o vazio, chamando-lhes ser e não-ser. Ser é cheio [plêres] e sólido, não-ser é vazio (pelo que dizem que o ser não é mais que o não-ser, porque também o corpo não é mais que o vazio). E estes são as causas do ser, como matéria.

Em relação a Anaxágoras, esta posição contém muitas novidades, entre as quais o próprio conceito de um constituinte mínimo e indivisível não será a mais relevante. Essa acha-se na constituição dos átomos como “corpo dos seres”. Com a sua adoção, é descartada a expressão “coisas”, considerada excessivamente vaga para alimentar uma pesquisa consistente. Com esta simples inovação, a função “discriminadora” dos contrários através de um processo mecânico de separação e agregação é de todo tornada supérflua.

Mas há mais. Se entendida como o princípio constituinte dos corpos, a hipótese atomística deve ser interpretada positiva e negativamente. Tomados como corpos, os átomos não só determinam toda a extensão corpórea, como também o limite do corpo. Neste último sentido – que é o propriamente atomístico –, a matéria deve ser entendida em relação com as naturezas corpóreas e não com a totalidade das coisas. É importante notar que a mediação fornecida pela noção de ‘corpo’ permite – sem o afirmar – que a concepção atomística possa encarar o corpo do cosmo como a unidade agregadora de todas as unidades corpóreas.

Por essa razão, será difícil atribuir um conceito de matéria aos Atomistas, visto o conceito não desempenhar qualquer função na estrutura teórica mínima que nos chegou, através dos textos em que Aristóteles os refere.

Às duas teses – só há átomos movendo-se no vazio; os átomos distinguem-se pela forma, posição e disposição – o Atomismo deve a sua fortuna futura. Delas resultou a sua adoção na Europa, a partir do séc. XVII, suportando o processo pelo qual a física qualitativa de Aristóteles começa a ser gradualmente substituída pela nova física quantitativa.

Em quem se poderá então encontrar um conceito de matéria? Em Aristóteles, evidentemente. Mas é impossível silenciar as diferenças que o separam das concepções modernas. No Estagirita, a matéria é um

²⁴ ARISTÓTELES. *Metafísica*, A4, 985b4-9.

relativo²⁵ e só pode ser lida no seio da concepção hilemórfica, que a encara como pura potência determinável em ato pela Forma²⁶.

O conceito aristotélico de ‘matéria’ é inserido na teoria física através da conjugação dos dois processos de geração e corrupção, por um lado, e de alteração qualitativa, por outro. Todavia, uma vez que a sua aplicação excede a fenomenologia física, onde é dita “por analogia”²⁷, terá uma relação muito tênue com a estrutura teórica em que se insere o nosso conceito de ‘matéria’.

Implicam estas observações que não haverá nenhum lugar para a noção de matéria na Física grega da época clássica? É difícil concluir que não há. Pois, será sempre possível objetar – apesar das muitas diferenças teóricas que as separam da nossa – que as concepções gregas se referem à mesma natureza indeterminada, visada pela Física Moderna. Essa identidade referencial permitiria “por analogia” encarar como “materialistas” as concepções gregas e tomá-las como antepassadas do atual conceito de ‘matéria’.

Como se viu, essa estratégia explicativa tem sido largamente usada por comentadores de filosofia e historiadores da ciência. Acarreta, contudo um risco. Ao limitar a explicação do passado àquilo que o presente dele aproveitou, torna o investigador cego para a previsão do futuro.

Será para evitar esse risco que proponho a ordenação das concepções gregas de matéria em três categorias bem distintas. De um lado ficarão as teorias jônicas, que, devido à insuficiência do seu suporte teórico, podem ser encaradas como antepassadas das concepções modernas. Poderiam ainda ser acrescentadas ao grupo as teorias pós-eleáticas, nas quais, apesar de os refinamentos conceptuais nelas introduzidos apontarem em sentidos muito diversos, a analogia com as teorias modernas é defensável.

No segundo grupo e pela razão oposta, figura a concepção aristotélica de matéria. Neste caso, não se pode propriamente falar de um antepassado, mas, pelo contrário, da própria plataforma teórica de cuja crítica – apesar das diferenças que as separam – deriva a concepção moderna.

No terceiro grupo, incluo o *Timen* platônico. Defendo, porém, que neste caso se não pode falar de um antepassado de qualquer concepção, moderna ou não. Não só porque o platonismo para nada precisa de um conceito

²⁵ ARISTÓTELES. *Categorias*, VII, 22-23.

²⁶ ARISTÓTELES. *Da alma*, B1,412a7-11; *vide Metafísica*, E1,1025b30 et seq.; *Da geração e corrupção*, B1,329a24 et seq.

²⁷ ARISTÓTELES. *Física*, A7, 191a7.

de matéria, como porque esse conceito, além de não se manifestar no *Timeu*, é rigorosamente incompatível com a estrutura das concepções platônicas no domínio da Física.

Mas devo fazer uma reserva. Na interpretação que vou avançar a seguir, gostaria de evitar o risco de fazer supor que, se o argumento do *Timeu* é alheio ao conceito de ‘matéria’, Platão deve ser encarado como um imaterialista. Isso não acontece, porque o *Timeu* é anterior à contraposição da “matéria” ao “espírito”, embora algumas interpretações a que será submetido o colocoem nessa posição.

II

Timeu: o corpo do cosmo

1. O problema da construção do corpo do cosmo é invocado de passagem na primeira das três narrativas que compõem o diálogo²⁸ e ocupa praticamente a totalidade da segunda²⁹. Na primeira, a questão é abordada a partir da planificação que antecede a tarefa de construção do corpo do cosmo pelo demiurgo³⁰. O passo interessa sobretudo porque associa explícita e intimamente os elementos à natureza corpórea do cosmo. Nos termos em que é estabelecida, essa associação prova que, para Platão, os elementos *são* corpos (*vide* 50b6, onde o termo aparece sem a qualificação que receberá em 53c).

Mas esta tese implica todo um programa de pesquisa. É porque a tese lhe parece problemática que, na segunda narrativa, *Timeu* obriga-se a explicar por que, como e com que finalidade, no contexto da TF, possa ser atribuído aos elementos o estatuto de entidades³¹.

1.1 O argumento desenvolvido no passo 48a-53b é complexo e apresenta dificuldades de interpretação de diversa natureza. Podemos dividi-lo em três seções. A primeira tem a finalidade de introduzir o problema colocado pelos chamados “elementos”; para tal, identifica os participantes na ação demiúrgica e aponta as características que os distinguem³².

A segunda seção requer atenção aprofundada, visando ao

²⁸ PLATÃO. *Timeu*, 30-47.

²⁹ PLATÃO. *Timeu*, 48-69.

³⁰ PLATÃO. *Timeu*, 32b-c, 34a-b.

³¹ Esse estatuto é necessário para que possam ser tomados como corpos, como o complexo argumento da segunda narrativa vai mostrar. O problema é delicado, pois é preciso demonstrar como é que a TF se acha habilitada a explicar e comandar o devir cósmico.

³² PLATÃO. *Timeu*, 48a-51b.

esclarecimento da natureza do receptáculo. Começa por uma introdução³³, à qual se segue um argumento em duas partes. A primeira tem a forma de uma disjunção excludente; a segunda acrescenta comentários que reforçam a disjunção das premissas³⁴.

A terceira seção aponta as circunstâncias em que ocorre o processo da transformação pela qual os elementos têm de passar. Sintetizando as seções anteriores, o seu objetivo não explícito é explicar a função que desempenham na narrativa sobre a formação do corpo do cosmos³⁵.

2. *Natureza dos elementos*

Depois de anunciar o novo começo da narrativa da criação, agora da perspectiva da necessidade³⁶, Timeu entrega-se à análise do corpo do cosmos. Começa por inquirir acerca da natureza do fogo, ar, água e terra e das afecções que sofriam “antes da gênese do céu”³⁷. O seu objetivo é mostrar que é indevida a atribuição aos chamados “elementos” – cuja “gênese” (ou “geração”) ninguém até então explicara – o caráter de “princípios”³⁸. Continuando a recorrer a argumentos prováveis³⁹, Timeu vai mostrar a razão pela qual esse título não lhes deve ser atribuído.

2.1 *O terceiro princípio: o receptáculo, “ama dos elementos”*

Invoca então três gêneros, em vez dos dois a que inicialmente recorrera⁴⁰. Além do modelo inteligível e imutável (“o pai”) e da sua imagem visível e sensível (“o filho”), parece-lhe agora oportuno recorrer ao “receptáculo e ama da geração”. É a esse título que levanta o problema dos elementos. Que dizer deles num relato “confiável e seguro”⁴¹?

2.2 *Os elementos no devir*

No caso da água, por exemplo, nota-se que se congela em terra e pedras, ou, por rarefação e dilatação, em vento e ar, e que, como ar, é queimado em fogo, o qual de novo se comprime em ar, condensando-se em nuvem e névoa, e daí, em água e depois em terra, completando um incessante ciclo. Cada

³³ PLATÃO. *Timeu*, 50b-51b.

³⁴ PLATÃO. *Timeu*, 51b-52d.

³⁵ PLATÃO. *Timeu*, 52d-53b.

³⁶ PLATÃO. *Timeu*, 48a.

³⁷ PLATÃO. *Timeu*, 48a.

³⁸ PLATÃO. *Timeu*, 48b-e.

³⁹ PLATÃO. *Timeu*, 48d-e.

⁴⁰ PLATÃO. *Timeu*, 48e-49a.

⁴¹ PLATÃO. *Timeu*, 49b.

um destes parece gerar-se dos outros⁴². Portanto, se é incessante este processo, como poderá alguém identificar com firmeza “elementos” e conferir-lhes a dignidade de princípios, sem se desacreditar⁴³?

2.2.1 *Os elementos são qualidades*

É mais seguro nunca proclamar que algum deles é “isto”, como se fosse permanente, mas apenas que é “desta maneira”, porque fogem, mudando constantemente uns nos outros⁴⁴.

2.2.2 *O meio no qual se manifestam as qualidades*

Pelo contrário, deve chamar-se “isto” ao que “se comporta de forma homogênea, em relação a todas e cada uma das coisas que sempre circulam”⁴⁵. Portanto, aquilo a que se chama ‘fogo’ apenas mostra ter essa qualidade. No entanto, chama-se “isto” a “aquilo em que” aparecem essas qualidades⁴⁶.

2.2.3 *Analogia do moldador*

Se perguntássemos a alguém que modelasse figuras em ouro (“de ouro”), sem cessar de transformar umas nas outras, o que era cada uma delas, a resposta mais segura seria “é ouro”. De nenhuma das figuras geradas se poderia dizer “que são”, mas designá-las como “de certa qualidade”⁴⁷.

3. *A natureza do receptáculo*

O mesmo argumento se deve aplicar à natureza que recebe todos os corpos, a qual “deve ser chamada da mesma maneira, já que não se afasta de nenhuma das suas potencialidades”⁴⁸. Recebe todas as coisas e nunca “toma qualquer forma (*morphé*) semelhante a qualquer das coisas que nela entram”. É uma massa moldável, “movida e receptiva das realidades”, parecendo uma ou outra das coisas que: “são imitações das entidades eternas nelas impressas de maneira espantosa e difícil de captar”⁴⁹.

Chamemos então aos três gêneros – “o que se gera”, “o em que se gera” e o modelo “à semelhança do qual se gera” – o pai, a mãe e o filho. Os

⁴² PLATÃO. *Timeu*, 49c.

⁴³ PLATÃO. *Timeu*, 49d.

⁴⁴ PLATÃO. *Timeu*, 49c-e.

⁴⁵ PLATÃO. *Timeu*, 49e.

⁴⁶ PLATÃO. *Timeu*, 49e-50a.

⁴⁷ PLATÃO. *Timeu*, 50a-b. Sobre o tema, ver CORNFORD, F. M. *Plato's Cosmology*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co, 1937; CHERNISS, H. *Aristotle's Criticism of Plato and the Academy*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1944. Cf. p. 393-416; _____. A Much Misread Passage of the *Timaeus* (*Timaeus* 49C7-50B5). In: TARÁN, L. (Ed.). *Selected Papers*. Leiden: E. J. Brill, 1977. p. 346-363. MOHR, R. D. The Mechanism of Flux. In: _____. *The Platonic Cosmology*. Leiden: Brill, 1985. p. 116-138.

⁴⁸ PLATÃO. *Timeu*, 50b.

⁴⁹ PLATÃO. *Timeu*, 50c.

exemplos da impressão de um relevo e da fabricação de perfumes mostram que “aquilo em que” a impressão é feita, tal como “os recipientes úmidos” [dos perfumes] deve ser isento de formas e odores⁵⁰. Por isso, “aquilo que deve receber adequadamente, repetidas vezes e no seu todo, as semelhanças de todos os seres eternos” deve “ser desprovido de todas as Formas” (*eidôn*: 50e-51a).

Por essa razão, o receptáculo “de tudo o que se gera e é visível e de todos os modos sensível” não é nenhum dos elementos, nem “quantas coisas a partir delas são geradas”⁵¹. “É um certo aspecto invisível e amorfo, que tudo contém e participa do inteligível, de modo difícil de compreender”⁵², que “aparece” “segundo as imitações que recebe”⁵³.

3.1 *Dois modalidades cognitivas: Formas e cópias sensíveis*

Tendo prestado ao seu ouvinte/leitor a informação capital de que as Formas só se manifestam no receptáculo sensível através das suas “imitações”, que nele “entram e saem”⁵⁴, Timeu volta a questionar a natureza dos elementos. Pergunta então:

*Algum fogo é, em si e sobre si próprio, e [são em si] todos [os elementos] acerca dos quais sempre assim dizemos que cada um deles é em si e por si? Ou aquelas coisas que vemos e todas as outras que percebemos através do corpo são as únicas que têm verdade, sem que nunca e de modo nenhum existam outras além destas? Sempre que em vão dizemos existir uma certa Forma de cada inteligível, isso nada era a não ser conversa?*⁵⁵

O passo encadeia uma série de questões que o texto resolve num extenso, mas bem articulado argumento⁵⁶, dividido em duas seções. A primeira (A) expõe o argumento; a segunda (B) acrescenta dados que fundamentam a opção tomada.

⁵⁰ PLATÃO. *Timeu*, 50d-e.

⁵¹ PLATÃO. *Timeu*, 51a.

⁵² PLATÃO. *Timeu*, 51a-b.

⁵³ PLATÃO. *Timeu*, 51b.

⁵⁴ PLATÃO. *Timeu*, 51b; *vide* 50b-c. Esta nota assinala a primeira distinção no conceito de ‘elemento’: de um lado, ficam os originais inteligíveis; do outro, as suas cópias fenomênicas. Ao termo ‘elementos’ é atribuída a função de designar as Formas das quais são imagens e, derivativamente, os fenômenos transitentes em que consiste o fluxo (49b-50a, 52c2-d1; resumo a posição de R. D. Mohr em “Image, Flux and Space in the *Timaeus*”, “The Gold Analogy in the *Timaeus*” em MOHR, 1985, p. 85-107.

⁵⁵ PLATÃO. *Timeu*, 51b-c. Embora me pareça que a fórmula que inicia o passo cunha a leitura existencial de *einai* a partir da identitativa, opto por manter a tradução padrão: “é”. Se “ser em si e sobre si próprio” é o mesmo que “existir”, para que algo exista é requerido que seja igual a si próprio. Apoiado nessa leitura preferi traduzir existencialmente apenas o *einai* de 51c5; que me parece dar a única tradução possível da frase.

⁵⁶ Justifico a citação e tradução de extensos passos do texto pela diversidade dos problemas abordados e pela sua relevância para o tema deste estudo.

A1. “Se pensamento e opinião verdadeira são dois gêneros, estas Formas não-sensoriáveis por nós são em si e de todo o modo apenas inteligíveis”⁵⁷;

A2. “Se, porém, a opinião verdadeira em nada difere do pensamento”, ... “os sensíveis são o que há de mais seguro”⁵⁸;

A3. Mas, há que distinguir o que “nasce pela aprendizagem”, “acompanhado pelo argumento verdadeiro,” do que “vem pela persuasão”, “sem argumentação”, “juntamente com a sensação”⁵⁹.

A4. Por isto, há que sustentar que se trata de dois gêneros; pois um nasce pela aprendizagem, sempre acompanhado pelo argumento (lógos) verdadeiro, e é amovível pela persuasão; o outro é gerado pela persuasão, sem argumentação (álogon) e é abalado por ela. Deve dizer-se que todos os homens participam da opinião; mas só os deuses e poucos homens participam do pensamento⁶⁰.

B1. Se assim é, um [gênero] é o que tem Forma imutável; ingênito e indestrutível, nada recebe vindo de fora, nem vai para outro, invisível e insensível, é acessível à inteligência; outro, homônimo do primeiro e semelhante a ele, captável pelos sentidos, é gerado, sempre em movimento, nasce num lugar e aí de novo se destrói, sendo apreensível pela opinião acompanhada da sensibilidade⁶¹.

B2. Um terceiro gênero é o da perpétua “região”; não sofre destruição e fornece assento a todas as coisas geradas. Dificilmente crível, só é perceptível por um raciocínio bastardo que mal acompanha a sensação. Perceptível como num sonho, é por ele que “dizemos que todo o ser está nalgum lugar ocupando uma certa região e que, se não se acha na terra ou no céu, nada é”. Mas, [devido ao sonho em que estamos imersos]⁶² somos incapazes de distinguir os dois primeiros gêneros e dizer a verdade.

B3. Pois,

visto que a imagem [eikón] não é isso mesmo de que ela própria é [imagem] e sobre que se gerou, mudando sempre como simulacro [phántasma] de um outro⁶³, cabe-lhe por isso nascer num outro, participando como pode da entidade sob pena de não ser nada de todo⁶⁴.

⁵⁷ PLATÃO. *Timeu*, 51c-d.

⁵⁸ PLATÃO. *Timeu*, 51d-e.

⁵⁹ PLATÃO. *Timeu*, 51e.

⁶⁰ PLATÃO. *Timeu*, 51e.

⁶¹ PLATÃO. *Timeu*, 51e-52a.

⁶² PLATÃO. *Timeu*, 52a-b.

⁶³ No *Sofista*, 235b-236c, é estabelecida a distinção entre “imagem” e “simulacro”. Enquanto a primeira reproduz fielmente o original, o segundo altera-a ao bel-prazer de quem o usa.

⁶⁴ PLATÃO. *Timeu*, 52b-c. Ou seja, “existindo”. Ver a tradução e comentários de OSTENFELD, 1982, p. 308, n. 92.

B4. “Enquanto o ser que é for socorrido pelo rigor do enunciado verdadeiro, se uma coisa for outra e a outra outra, nem uma se gera na outra, nem as duas são ao mesmo tempo o mesmo”⁶⁵.

4. Formação do cosmos

4.1 O ápeiron

“Antes de nascer o céu, há o ser, a região e a geração”⁶⁶. A “ama da geração” exibia as formas de todos os elementos, sendo abalada por potências desequilibradas e dessemelhantes, agitando e sendo agitada por todas elas, como o trigo numa peneira. Por isso, os quatro gêneros foram sacudidos e separaram-se uns dos outros, vindo a ocupar regiões distintas, “antes de o universo ter sido gerado e organizado a partir deles”⁶⁷.

4.2 Constituição do corpo do cosmos

“Antes de isto acontecer, todas estas coisas [os elementos] eram sem proporção, nem medida”, achando-se todas,

*embora possuindo alguns vestígios de si mesmas, dispostas como é verossímil que estejam quando um deus se acha ausente. Achando-se elas [os elementos] por natureza assim, [o deus] começou a esquematizá-las por meio de Formas e números*⁶⁸.

III

1. Comentário do argumento

Para entender este argumento há que retomar o contexto da narrativa. Terminada a seção dedicada à descrição do cosmos formado pela alma (descrevendo a emergência da ordem da vida e das suas manifestações), Tímeu começa por entregar-se ao estudo da construção dos corpos, primeiro, o do cosmos, depois os dos mortais. Quanto ao cosmos, a investigação visa a compreender o processo de persuasão da Necessidade pela Finalidade⁶⁹; ou seja, de como o corpo do que será o cosmos⁷⁰ deve ser ordenado com vista à emergência da vida.

É pressuposto o questionamento da coerência das descrições tradicionais da cosmo-gênese. Até então – com a exceção do Poema de

⁶⁵ PLATÃO. *Timeu*, 52c.

⁶⁶ PLATÃO. *Timeu*, 52d.

⁶⁷ PLATÃO. *Timeu*, 53a.

⁶⁸ PLATÃO. *Timeu*, 53a-b.

⁶⁹ PLATÃO. *Timeu*, 48a.

⁷⁰ Há que distinguir o cosmos propriamente dito, no seu estado atual, do processo pelo qual passa a gradual

Parmênides (e das obras dos discípulos diretos do Eleata) —⁷¹ todas concordam em conceder aos quatro elementos a função de princípios. Timeu contesta. Para explicar por quê, prossegue no seu argumento regressando aos dois protagonistas da narrativa anterior: o modelo e a sua cópia. Mas agora, acrescenta-lhes um terceiro: “a ama da geração”.

Na extensão do passo aqui considerado, o argumento confronta-se com dois problemas distintos. O primeiro é o dos “elementos”. O segundo — aparentemente não relacionado com o anterior —, porém, necessariamente resolvido para que seja possível compreender as posições tomadas em relação a ele, é o do “receptáculo”.

1.1 Tinha ficado estabelecido aquando da descrição do ciclo de mutação dos elementos que estes careciam da identidade exigida a princípios, pois, longe de se mostrarem como entidades, comportavam-se como meras qualidades arrastadas pelo fluxo do visível.

A analogia do moldador é bem clara ao apontar a impossibilidade de referir as figuras que apareciam e desapareciam na massa moldável. No entanto, a resposta segura — “são *de ouro*”, ou simplesmente “*são ouro*” — só por equívoco remete para uma ontologia de constituintes. A resposta identifica a única entidade que persiste num processo de mudança qualitativa, *ípro facto*⁷² denunciando a impossibilidade de identificar as figuras formadas pelo artífice.

É aí que se manifesta o problema do receptáculo. O argumento vai mostrar que este corresponde à entidade “em que se gera...”, mas não àquela “que se gera...”. É assim porque, devido ao fluxo, nenhuma entidade é nem pode ser gerada, nem [no sensível] há nenhuma entidade “da qual [os elementos] se geram” (pois esse não é nenhum dos três gêneros invocados pelo argumento⁷³ *vide* 51a: “quantas coisas [*bósa*] que deles [os elementos] são geradas, nem das quais estes [os elementos] [*taúta*] se geram”).

2. Tem então início a seção central do argumento, que começa por

formação do seu corpo. Executando o desígnio de submeter a Necessidade à persuasão da inteligência, o corpo do cosmos deve ser preparado para poder receber em si a finalidade da vida.

⁷¹ ARISTÓTELES. *Física*, I, 4-9; *vide* PLATÃO. *Sofista*, 242c-245e.

⁷² O que causa confusão nesta alegoria é a analogia implícita entre as identidades das figuras modeladas e as dos alegados “elementos”. Para um leitor atual, uma forma geométrica não pode ser comparada com a natureza substancial (ou “material”) atribuída a um elemento. Não é essa a posição platônica, pois, nos limites da teoria, uma e outra *são Formas*; se não forem Formas, não *são*: PLATÃO. *Timeu*, 37e.

⁷³ Timeu tem o cuidado de distinguir os três gêneros pelas funções que lhes atribui na formação do corpo do cosmos: modelo (“à semelhança de que...”), cópia (“o gerado”), meio (“em que”: 52c-d). Nenhuma atenção é concedida à questão da constituição da cópia.

perguntar se os elementos são Formas ou aparências percebidas pela senso-percepção. Antes de dar a resposta, Timeu expõe os pressupostos teóricos em que se apoia. A pergunta remete para os domínios paralelos da ontologia e da epistemologia, inicialmente apontados na postulação do dualismo, como condição de compreensão de toda a narrativa⁷⁴.

No primeiro, a alternativa é posta entre “o que é e o que não é em si”, ou seja, “o que existe e o que não existe”, a saber, as Formas e as suas aparências fenomênicas⁷⁵. Mas a pergunta não pode ser respondida sem que se atenda ao domínio epistemológico, pois, só ele contempla as alternativas das percepções sensível e inteligível⁷⁶.

Conjuntamente, as três perguntas em sucessão admitem quatro possibilidades:

1. *Existem as Formas;*
2. *Existem apenas as aparências; logo, não existem as Formas;*
3. *Existem ambas;*
4. *Não existe nenhuma delas.*

A alternativa 4 pode ser descartada, pois impossibilitaria tanto o real, como a sua captação. Portanto, a escolha põe-se entre as outras três. Ora, no texto, enquanto a primeira pergunta se dirige a 1, a segunda e terceira⁷⁷ dirigem-se explicitamente a 2, opondo-se a 1 e deixando 3 em suspenso.

O afastamento de 3 e 4 permite a concentração na disjunção; o que reduz as quatro possibilidades às duas alternativas contempladas. Opinião verdadeira e pensamento (ou inteligência) são ou não são o mesmo; ou seja, são o mesmo gênero ou dois diferentes. Se são dois gêneros (A1), as Formas inteligíveis existem. Se são o mesmo [gênero] (A2), “os sensíveis são o que há de mais seguro”.

A resposta parece ser ditada pelo senso comum, pois ninguém duvida do fato de perceber através dos sentidos⁷⁸. Pelo contrário – como os Livros

⁷⁴ PLATÃO. *Timeu*, 27d-28a.

⁷⁵ PLATÃO. *Timeu*, 51b.

⁷⁶ A necessidade de considerar os aspectos ontológicos e epistemológicos obriga a prestar a maior atenção ao equilíbrio entre as traduções existenciais e as elípticas de *ênai*. Embora as Formas necessariamente existam por serem imutáveis, nenhuma posição é assumida em relação à existência das suas cópias mutáveis.

⁷⁷ PLATÃO. *Timeu*, 51c2-6.

⁷⁸ A dúvida – para quem a tem – incide sobre a eficácia da percepção, sobre a possibilidade de o percebido não ser “aquilo que é”. Não parece ser admitida a possibilidade de nenhuma coisa corresponder ao percebido. Ao contrário de Platão, Górgias (B3.77-85) defende essa possibilidade.

centrais da *República* repetidamente sustentam –, a maioria dos homens dá o maior valor àquilo que percebe pelos sentidos.

Mas há dois modos de percepção distintos: o pensamento racional, suportado pelo argumento verdadeiro, e a opinião inculcada pela persuasão, com o apoio da sensação (A3). Haverá, portanto, dois gêneros, gerados por estas distintas competências cognitivas (A4). Ou seja, há realidades de duas naturezas *porque* dois são os modos pelos quais são captadas⁷⁹.

O argumento poderia terminar com esta decisão, que mantém os dois gêneros contrapostos tanto pelas diferenças das naturezas por eles captados, quanto pelo modo de captação que lhes é próprio. No entanto, a disjunção não é exaustiva, pois há um terceiro gênero, também ele com uma natureza e o seu modo de captação próprio. Este refere-se ao meio/contentor em que as cópias são geradas a partir das imitações das Formas e no qual se acham contidas. É a ele que se dirige a segunda parte do argumento.

Os dois gêneros já referidos são então identificados e caracterizados. O primeiro é imutável, ingênito e indestrutível, em si; invisível e insensível, é captado pela inteligência. O segundo, homônimo e semelhante ao outro, é captado pelos sentidos e pela opinião; sempre em movimento, é gerado e destruído num lugar (B1).

Pelo seu lado, o gênero da “região”⁸⁰ deve a sua natureza híbrida à circunstância de receber algumas características do inteligível – é perpétuo, indestrutível e invisível –, embora comungue com o sensível, pelo fato de ser o suporte e lugar de toda geração (B2). *Timeu* insinua ser ele o responsável pelo “sonho” em que os mortais se acham imersos⁸¹.

Avaliando esta última orientação do argumento platônico, na posição que ocupa no cosmos e com as funções que lhe são atribuídas, a par do Tempo,

⁷⁹ Neste argumento, como na *República*, a “competência” (*dynamis*) perceptiva é indissociável do exercício pelo qual capta efetivamente os seus conteúdos (*República*, V, 477a-d). A senso-percepção, como o saber, é infalível (*Teeteto*, 152c, 188e-189a): a percepção e o percebido são o mesmo.

⁸⁰ Com a tradução “região” – em vez do habitual “espaço” – pretendo chamar a atenção do leitor desconhecedor do Grego para o fato de Platão estar a metaforizar um termo da linguagem corrente. Ao inseri-lo no contexto da TF, confere-lhe um sentido técnico, que de algum modo permite a sua confusão – mas não identificação – com a abstração física referida pelo termo “espaço”.

Implicitamente faço ainda notar que pela inserção da metáfora na teoria platônica sobre a gênese do cosmos – funcionando como meio e contentor –, a “região” é definida como a esfera gerada pela expansão da alma cósmica, a partir do centro do que *será* corpo do cosmos (34b). De acordo com este ponto de vista, “espaço” e Tempo serão conceitos paralelos (*contra*, OSTENFELD, 1982, p. 123).

⁸¹ PLATÃO. *Timeu*, 52b-c. Este contará como mais outro dos muitos epifenômenos gerados pelo encarceramento da alma, afim ao inteligível (*Fédon*, 79b-c), num corpo sensível (*Timeu*, 42e-44d).

a “região” – “espaço/lugar” – funciona como um paradigma sensível. É concebido para explicar como a natureza sensível do cosmos pode fisicamente acolher as determinações do modelo inteligível, assegurando, por um lado, a finalidade da vida inteligente, por outro, a regularidade dos movimentos cósmicos e dos fenômenos físicos.

Mas há muito mais a extrair desta inovação. Com a introdução do espaço, *Timeu* resolve uma porção de problemas da versão canônica da TF, nomeadamente o de mostrar como os predicados metafísicos condensados nas Formas se transformam nas propriedades físicas – as “potências” (*dynámeis*), “formas” (*morphai*)⁸² e “afecções” (*pátḗ*) – que caracterizam os sensíveis, mesmo sem os identificar .

Consequentemente, na sequência do texto, *Timeu* concentra-se nas naturezas dos fenômenos relativos aos dois gêneros considerados. A imagem reflete o fluxo em que o sensível se acha mergulhado. Existe, mas não é aquilo de que é [imagem], por “se gerar noutro [gênero]” (B3). Pelo seu lado, o ser – afim da razão/enunciado verdadeiro – obedece ao rigor que determina que, se duas coisas (“entidades” ou “gêneros”) forem diferentes, nunca nenhuma delas se gera na outra, nem são o mesmo [“entidade”, “gênero”] (B4). Com esta conclusão, a tese expressa em (A4), reiterada em (B1), fica confirmada e o argumento aborda a sua terceira seção.

2.1 Se, tal como na primeira narrativa, houvesse apenas os dois primeiros gêneros, a finalidade do argumento ficaria esgotada após a cabal distinção daqueles (A1-4, B1). Como a característica ontoepistemológica associa os traços paralelos do dualismo, a diferença das duas naturezas que constituem a realidade é suportada pela distinção das competências cognitivas exercidas na sua captação.

Se, contudo, fosse apenas isso que importasse notar, a possibilidade do trânsito de um a outro plano ontoepistemológico (no texto referido como “gênero”) aquilo a que a teoria refere como “comunhão” e “participação” persistiria como um mistério⁸³ . Para o resolver, há que preservar a separação

⁸² É por essa razão que – como o passo 49a-50b insistentemente reitera – a estes “sensíveis” não deve ser concedida a dignidade de “istos”, mas apenas a de qualidades transientes, incapazes de caracterizar e identificar uma natureza estável pela sua nomeação. Sobre este aspecto da criação do corpo do cosmos, vide OSTENFELD, 1982, p. 124-128.

⁸³ Percebe-se como este argumento do *Timeu*, suportado pela argumentação do *Sofista*, 248-256, responde às objeções apontadas no *Parmênides*, 130e-132b, focadas no *Sofista*, 243-245: é preciso que haja Formas do “quente” e do “frio”, para que um e outro sejam envolvidos pelo Ser.

dos dois planos ontológicos, permitindo, contudo, a passagem de um ao outro (B2-4). Essa função é assegurada pela mediação de um elemento estranho à teoria: o espaço.

Confrontado com a pergunta acerca do que pode ser conhecido e como, *Timeu* confirma o dualismo ontoepistemológico estabelecido no início da narrativa⁸⁴, pelo qual pensamento e opinião sensível são afins, o primeiro às Formas, o segundo às suas imagens sensíveis.

Entretanto, com a mediação do espaço, através das “potências” pelas quais se manifestam na “região”, os elementos podem figurar como protagonistas da segunda narrativa, a despeito de lhes ter sido negada a dignidade de “princípios”⁸⁵. Podem então ser recuperados como “imitações” das Formas. Para tal, contudo, terão de passar por uma nova reconfiguração. É essa a finalidade da terceira parte do argumento.

3. Reiterando, como protagonistas da narrativa, “o ser, a região e a geração”, *Timeu* ensaia uma descrição do estado pré-cósmico. A narrativa confronta-se com dois problemas, de ordem completamente distinta. O primeiro é posto pelo modelo cosmológico do vórtice (persistente nas teorias pré-socráticas, de Anaximandro a Diógenes de Apolônia, passando pelos Atomistas).

Como se viu, inicialmente, na tradição, o vórtice é necessário para explicar a separação dos contrários a partir de uma natureza original⁸⁶. Nesta fase da sua evolução, o modelo tem a função de explicar as mudanças das/nas naturezas substanciais pela “crase”⁸⁷ das propriedades físicas que as acompanham.

Todavia, refletindo a influência da argumentação eleática contra a gênese a partir do não-ser, vêm a caber-lhe outras finalidades, nomeadamente a de reduzir as manifestações físicas ao estatuto de aparências⁸⁸, ou de colocar operações puramente mecânicas ao serviço da ordem da vida (a “rotação do espírito”, em Anaxágoras B12), ou ainda apenas a de explicar a formação dos mundos pelo movimento dos átomos no vazio⁸⁹.

⁸⁴ PLATÃO. *Timeu*, 27d-28a.

⁸⁵ Se os elementos fossem princípios, as Formas deixariam de desempenhar essa função no argumento, provocando o desmoronamento da teoria.

⁸⁶ *Vide* ARISTÓTELES. *Física*, A4, 187a20-25.

⁸⁷ PARMÊNIDES, B16.1.

⁸⁸ EMPÉDOCLES, B17, B35.

⁸⁹ LEUCIPO, DK67A1; DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, IX, 31.

É este tipo de explicações – que colocam a fenomenologia da vida na dependência do acaso e da necessidade – que Platão rejeita com veemência⁹⁰. Censura-a por entrar em conflito com a visão teológica do mundo e da vida que serve de próêmio à narrativa da criação do cosmos e anuncia a sua intenção reformadora das mentalidades.

Subsiste, contudo, outro problema que a teoria do vórtice ajudava a resolver: o da formação da ordem a partir da desordem. Pese embora a circunstância de estes dois termos se enquadrarem, no *Timeu*, num contexto vitalista, aberto à transcendência, o fato do movimento cósmico requiere outra explicação, além da proporcionada pelo movimento da alma.

Para a encontrar, *Timeu* retoma a narrativa com uma descrição do estado pré-cósmico. O quadro descrito em 52e-53a, inicia a narrativa da criação, ou construção, do corpo do cosmo no momento em que a expansão da alma cósmica define a “região” cósmica⁹¹.

No contentor circunscrito pela esfera formada pela alma cósmica, é apontada a desordem em que se acham “os vestígios dos elementos”. Não se distinguem aí quaisquer “entes” ou “naturezas”, sobressaindo apenas os “movimentos sem medida nem razão”⁹², produzidos pelo conflito das “potências” e “afecções” dessemelhantes dos vestígios elementais. Desse conflito resulta uma ordenação puramente mecânica, conducente, por um lado, à separação dos elementos “mais dessemelhantes” e, por outro, à concomitante aglutinação dos “mais semelhantes”⁹³.

É nesse ponto que – transferindo para a ação do demiurgo a lição de Anaxágoras – a construção do corpo do cosmos se processa no microfísico. Presumivelmente porque esta desordem seria de todo incompatível com a emergência da vida, o demiurgo entrega-se à esquematização dos vestígios elementais “por meio de Formas e números”⁹⁴, conformando cada elemento de acordo com um de quatro dos cinco sólidos perfeitos.

Uma vez criada a *khóra*⁹⁵ pela extensão da alma cósmica à volta do

⁹⁰ PLATÃO. *Leis*, X, 889b-890a; *vide Sofista*, 265c-e.

⁹¹ Interpreto “antes da geração do céu” (52d4) não no sentido absoluto, mas como referência a um estágio anterior à finalização do processo de construção do corpo do cosmo (*vide* 53a6-8: “antes que o todo se tivesse formado a partir deles [os elementos]”).

⁹² PLATÃO. *Timeu*, 53a.

⁹³ PLATÃO. *Timeu*, 53a.

⁹⁴ PLATÃO. *Timeu*, 53b.

⁹⁵ Lembro que o termo ‘*khóra*’ é uma das metáforas escolhidas para referir o paradigma físico que Platão quer isolar: o “espaço/lugar”. Contudo, como já acenei, a *khóra* é mais que isso! É sobretudo a região

visível⁹⁶, o cosmos é definido como o continente nela envolvido⁹⁷. Quando os vestígios dos elementos começam a ser submetidos à pressão exercida por uns sobre os outros, no seio da *khúra* agitada pelo movimento da alma cósmica, e por sua vez reagem contra ela, obedecendo ao princípio da atração do semelhante pelo semelhante, tendem a dispor-se em quatro camadas concêntricas⁹⁸. É então que o demiurgo empreende a tarefa de esquematizar esses vestígios⁹⁹, submetendo a necessidade à persuasão do bem¹⁰⁰, com vista à geração do cosmos e da vida¹⁰¹.

Para tal, primeiro, cria os triângulos elementais e seleciona o triângulo retângulo escaleno para formar as faces do fogo, ar e água, reservando o isósceles para formar a terra¹⁰². Forma com eles os quatro sólidos atribuídos aos elementos. Tetraedro, octaedro e icosaedro, são escolhidos para fogo, água e ar, “explicando” a maior ou menor mobilidade de cada um deles; enquanto ao cubo – o menos móvel de todos – cabe a terra¹⁰³.

Com a definição do regime de transformações elementais, ficam estabelecidas as bases da estabilidade e do devir físicos, produzidos pela submissão dos movimentos “errantes” dos vestígios elementais¹⁰⁴ ao movimento inteligente da alma cósmica.

da vida, definida pelo circuito da alma cósmica, e o “lugar” “em que” se situam os fenômenos sensíveis, produzidos pelas imagens das Formas (50c-d), nunca o “de que” “os sensíveis são feitos”. *Contra*: ARISTÓTELES. *Física*, Δ2, 209b5-16); *contra* também: BRISSON, L. Introduction. In: PLATON. *Timée*. Paris: Flammarion, 1992. p. 28-35. Apoiando-se na análise de CHERNISS, 1977, o A. identifica na *khúra* o “em que” e “de que” os sensíveis se encontram e são feitos (p. 33).

⁹⁶ PLATÃO. *Timeu*, 34b, 36d-37a.

⁹⁷ PLATÃO. *Timeu*, 32c-34a. Embora o passo 52d-53c, que constitui o início da descrição do processo de criação do cosmos, logo após o começo do circuito da alma, acentue esta leitura da *khúra*, não é descartado o seu sentido como “meio” (*ekmageion*: 50c2).

Esta perspectiva do movimento, do estado pré-cósmico ao início do cosmos, explica o fluxo pela cooperação da causa errante com a alma, tomando os movimentos desordenados dos vestígios elementais como *causa suficiente* do movimento (*contra*: MOHR, 1985, p. 116-138, que explica a agregação dos elementos como consequência do processo de “separação dos gêneros”: p. 134-136).

⁹⁸ Esta ordenação constitui prova de que o *períodos* da alma já tinha definido a *khúra*, pois, se não houvesse o centro a partir do qual a alma se expande (34b), também não haveria centro à volta do qual os vestígios dos elementos se dispusessem.

⁹⁹ PLATÃO. *Timeu*, 52d-53b.

¹⁰⁰ PLATÃO. *Timeu*, 47e-48a.

¹⁰¹ A cisão entre as perspectivas física e psíquica sobre a criação do cosmos começa logo no início da narrativa, pois a decisão criadora – anunciada em 29d-30c – é inexplicável, em termos puramente físicos. Esta cisão é reforçada pela circunstância de a alma e a vida não serem mencionadas na segunda narrativa da criação.

¹⁰² PLATÃO. *Timeu*, 53c-55d.

¹⁰³ PLATÃO. *Timeu*, 55d-56c.

¹⁰⁴ PLATÃO. *Timeu*, 30a, 53a. O que entende Platão por “movimentos desordenados”? Ignorando a

Mas o aspecto mais relevante da “esquematisação” dos elementos – em dependência direta da criação da “região” – é apresentado em 53c, no breve passo que antecede a descrição da construção dos sólidos elementais.

Timeu lembra que os elementos são corpos, de cuja natureza a “espessura” necessariamente participa. Parecerá estranho que a natureza “somatoeidética” do cosmo, oportunamente notada no início da narrativa¹⁰⁵ só agora reapareça.

Tal desaparecimento poderá talvez ser atenuada pela circunstância de a primeira narrativa se ter concentrado na descrição das manifestações da alma. Será, no entanto, difícil tomar como casual, ao longo do passo em que é colocado o problema dos elementos, o fato de a sua natureza corpórea ter sido silenciada.

Uma possível explicação desta estranheza poderá confirmar a perspectiva aqui avançada de que a descrição da formação do corpo do cosmo se refere aos instantes seguintes à definição da *khóra*. Só depois de criado o espaço/lugar pela expansão da alma cósmica¹⁰⁶, é possível que os elementos adquiram a sua natureza corpórea.

De resto, nada no texto permite supor que antes da construção dos sólidos elementais pelo demiurgo se possa falar de algo mais que de “movimentos”; nomeadamente, dizer que *existem* corpos¹⁰⁷. Essa será a principal razão pela qual dos elementos há apenas vestígios submetidos ao fluxo, que nem sequer será possível nomear.

Portanto, a criação da *khóra* inicia o complexo e faseado processo da geração do cosmo. Com ela, nasce a espacialidade, que irá conferir aos predicados metafísicos que imitam as Formas a possibilidade de se transformarem em propriedades físicas. Só podem ser estas – supostamente

polêmica sobre o tópico, que vem já da Antiguidade (*vide* VLASTOS, G. The Disorderly Motion in the *Timaeus*. In: ALLEN, R. E. (Ed.). *Studies in Plato's Metaphysics*. London: Routledge and Kegan Paul, 1965. p. 379-420.), explorando a referência de 43a-b, associo “desordenado” (*atáktos*: 30a5, 43b1, 69b3) aos seis movimentos retilíneos dos corpos vivos, contrapostos ao movimento circular da alma: 33b, 34a). Esta associação permite esboçar a analogia entre os movimentos dos corpos tanto do cosmo, como dos seres vivos. Assim como os humanos sobrepõem, na medida do possível, as suas finalidades aos movimentos corpóreos, também a alma cósmica submete os movimentos mecânicos dos sólidos elementais (56b-58c) à ordem da vida.

¹⁰⁵ PLATÃO. *Timeu*, 31b.

¹⁰⁶ PLATÃO. *Timeu*, 34b.

¹⁰⁷ Como poderia existir alguma coisa antes da criação do Tempo? *Vide* SANTOS, José T. O Tempo na narrativa platônica da criação: o *Timeu. Hypnos*, São Paulo, n. 18, p. 42-55, 2007. Como poderá haver corpos antes de haver “extensão”?

seguindo o princípio da associação dos semelhantes¹⁰⁸ – a determinar a ocupação das respectivas regiões no cosmos¹⁰⁹, *antes ainda de este ser gerado*.

É neste momento que o demiurgo inicia a “esquematização” que irá dar origem aos elementos, propriamente ditos, permitindo que o fluxo “desordenado e irracional” se fixe no ciclo do devir. Estão finalmente criadas condições para que a vida, na plétora das suas manifestações, possa permear a *khóra*, gerando o cosmos.

IV

1. A análise das duas primeiras narrativas do *Timeu*, em particular do argumento desenvolvido entre 48 e 53, mostra as razões pelas quais o conceito de ‘matéria’ lhes é de todo estranho. Primeiro, nenhuma função lhe pode ser atribuída pela TF, pois, tanto a TF, quanto o vitalismo criacionista do *Timeu*, ignoram a ideia de uma ontologia de constituintes.

Este programa é confirmado pela narrativa. Em diversos passos, *Timeu* tem a oportunidade de perguntar “de que” são formadas “as coisas”. No entanto, sempre opta por concentrar-se em “o que se gera”, em “o em que se gera” e no modelo “à semelhança do qual se gera”¹¹⁰.

Estes dois últimos não põem ao intérprete atual qualquer problema. “Formas” e “espaço” desempenham nas narrativas, respectivamente, as funções de apontar o modelo a que obedece toda a geração e de caracterizar o meio/contendor em que as naturezas são geradas¹¹¹. É, pelo contrário, a identificação de “o que se gera” que levanta inúmeros problemas.

Pois, só agora é possível perceber que a finalidade do argumento estudado é mostrar que, por que e como “o que se gera” são os elementos. É por serem gerados a partir das imitações das Formas que não podem ser vistos como princípios. São gerados porque, não existindo antes da formação do cosmos, se manifestam como fenômenos. Finalmente são gerados quando, criada a *khóra*, o demiurgo constrói no espaço do cosmos criado, através de Formas e números, os corpos dos sólidos elementais. Mas o conceito de ‘corpo físico’ só entra na segunda narrativa para explicar como o demiurgo vai configurar os elementos.

¹⁰⁸ PLATÃO. *Timeu*, 53a4-7.

¹⁰⁹ Ver adiante, em 57c, a confirmação explícita do caráter faseado do processo. É neste momento que os, ainda, vestígios elementais ocupam “os seus lugares, devido aos movimentos do receptáculo” (*dià tēn tēs dekboméngs káingsin*: 57c3).

¹¹⁰ PLATÃO. *Timeu*, 50c-d.

¹¹¹ PLATÃO. *Timeu*, 53c.

Por outro lado, a narrativa só pode conceder o estatuto de conceito às entidades cuja estabilidade lhes permite serem identificados: no mundo inteligível, as Formas; no fluxo, o espaço. Neste ponto, a grande fixação de Platão gira em torno do paradoxo de a constituição do visível ser suportada por uma natureza invisível, *híbrida*. É por isso que, através de uma sucessão de metáforas, a narrativa aponta como funções do conceito definir a “região” e nela os “lugares” que os elementos vêm a ocupar.

Daqui resulta ser de todo impossível a Platão, *nesta fase da narrativa*, identificar “as coisas” que, pela interação da vida com os elementos, vêm a ocupar esse espaço tridimensional, nesse local¹¹². E não pode deixar de ser assim por duas razões. Primeira, antes do cosmos, nenhuma coisa pode existir fisicamente. Segunda, porque, depois, o fluxo não consente a presença de entidades no cosmos. Fixadas estas reservas, só quando se percebe que a finalidade do argumento é clarificar o processo de gênese dos elementos, fica clara a função desempenhada pelo conceito de ‘espaço/lugar’.

É no trecho que antecede a descrição da construção dos sólidos que o silêncio de Platão sobre a natureza de “o que se gera” se torna compreensível. Em cinco passos, entre 48b e 53c¹¹³, *Timeu* recorre ao conceito de “corpo”. Descontando os dois em que o termo designa o corpo do percipiente (os sentidos), restam três. No primeiro, reconhece-se que os corpos são formados no receptáculo¹¹⁴. Nos outros dois, é referida a natureza corpórea dos elementos, gerada pela *natureza* tridimensional¹¹⁵, que só pode lhes ser imposta pelo espaço/lugar.

Esta concessão de um estatuto quase-eidético ao corpo parece-me condensar a duplicidade da atitude de Platão perante os Atomistas. O reconhecimento de que o visível é “corpóreo” testemunha um oculto apreço pelo que poderá ser a maior descoberta dos Atomistas: a de que os átomos *são corpos*¹¹⁶. Todavia, esconde ainda o pomo da discórdia que, na perspectiva de Platão, o opõe a eles, que, quanto a mim, pode ser fixado em duas teses:

1. o mundo não é constituído a partir do não-vivo;
2. a matéria não pode ser tratada como um conceito.

¹¹² PLATÃO. *Timeu*, 53c4.

¹¹³ PLATÃO. *Timeu*, 50b6, 51c2, d7, 53c3, 4.

¹¹⁴ PLATÃO. *Timeu*, 50b6. Portanto, confirmando que não se pode falar de “corpos” antes da construção dos sólidos elementais.

¹¹⁵ PLATÃO. *Timeu*, 53c3, 4; *vide somatoeidés*: 31b4.

¹¹⁶ Todavia, o leitor não poderá esquecer que essa “descoberta” lhes é incidentalmente e de forma não qualificada atribuída por Aristóteles.

Prova indireta da relevância desta última diferença acha-se na constituição dos sólidos elementais por Platão. A limitação da ‘espessura’ dos corpos por “superfícies” triangulares¹¹⁷ implica que os sólidos platônicos – ao contrário dos átomos – não são compactos (“cheios”).

Duas consequências decorrem desta posição. Primeira, sem terem de ser “vazios” (pois, devem conter “potências” afins às naturezas dos elementos) não são constituídos de forma homogênea, compacta. Segunda, conseqüentemente, não poderão ser constituídos por qualquer “matéria”.

2. Naturalmente, uma interpretação nestas linhas, construída exclusivamente a partir da leitura do *Timeu*, não coincide com a de Aristóteles, que recebe “já pronto” o argumento de Platão, de forma a poder aceitar e rejeitar aquilo que nele lhe parece relevante.

Neste caso, porém, o ponto em que as concepções dos dois pensadores se separam irreversivelmente ficou expresso num passo da *Metafísica* em que o Estagirita exhibe a sua suprema competência como historiador da filosofia. Diz ele que os filósofos: “[...] investigaram a verdade acerca dos seres, mas consideram seres apenas os sensíveis, e nestes em muito inere a natureza do indeterminado e a do ser [...]”¹¹⁸.

A “natureza do indeterminado” – ou seja, a *matéria* –, é a questão com que o argumento de Platão recusa ser confrontado. Pelo contrário, tendo atingido a consciência de que esse é o ponto que o separa dos seus antecessores, Aristóteles não tem motivos para se prender com minudências. Por essa razão, o seu juízo sobre a posição platônica é definitivo, conquanto equivocado.

Do seu ponto de vista, a despeito de lhe caber o imenso crédito de ter sido o primeiro a compreender a importância do conceito de ‘espaço/lugar’¹¹⁹, no *Timeu*, Platão confunde-o com a matéria (*hylé*), ao atribuir-lhe funções que só a ela podem corresponder.

É claro que, como há muito foi reconhecido – pensando estritamente a partir daquilo que o *Timeu* sustenta –, quem comete confusões é o próprio Aristóteles. No entanto, o seu juízo é demasiado consistente para que a História o possa desconsiderar.

Depois de ter confirmado a identificação da matéria com o indeterminado, no citado passo da *Física* Δ2, 209b10-17, Aristóteles não tem

¹¹⁷ PLATÃO. *Timeu*, 53c.

¹¹⁸ ARISTÓTELES. *Metafísica*, Γ5, 1010a2-4.

¹¹⁹ Deste modo, negando implicitamente que esse galardão possa caber aos Atomistas.

oportunidade para compreender que, no passo estudado do *Timeu*, o argumento de Platão se desenvolve no plano conceitual.

Pelo contrário, Platão, começando por negar aos elementos o estatuto de princípios, recupera-os como “imitações das Formas”, para o que precisa de assegurar que o leitor aceita a existência de Formas inteligíveis (modelos dos corpos elementais *pensados* pelo demiurgo: 31b-32c) e as distingue das suas imitações sensíveis (os fenômenos operando no fluxo).

Ora, é a natureza dessas imitações, bem como a sua capacidade de articular o sensível com o inteligível, que leva Platão a definir uma estratégia em três momentos. No primeiro, no contexto do início do processo de formação do corpo do cosmos, distingue os elementos dos seus “vestígios” na *khóra*. No segundo, reintroduz o conceito de ‘corpo’, agora no plano microfísico, pela descrição do processo de construção dos sólidos elementais. Finalmente, lança as bases da explicação do processo do devir cósmico, limitando-o ao ciclo de mutações sofrido pelos corpos dos quatro elementos.

Como se pode notar, a captação desta estrutura é recolhida a partir da análise do texto escrito. Por outro lado, Aristóteles é de todo avesso à finalidade que o argumento platônico visa: a TF. A ideia de “salvação das aparências fenomênicas” é-lhe estranha e, na perspectiva do seu conceito de matéria, impeditiva da pesquisa da natureza.

Toda a concepção só pode, portanto, parecer-lhe inútil. Por isso, a ignora, ao reduzi-la a mera confusão. Este juízo não será esquecido pela tradição, que perpetuará a confusão entre ‘espaço’ e ‘matéria’ no *Timeu*, notoriamente na tradição do neoplatonismo.

Um exemplo pode ser colhido do tratamento do conceito de ‘matéria’, no Tratado 12, de Plotino, incluído na II *Enéada*. Separada da relação com a forma e inserida na teoria do ato e potência, em que Aristóteles a coloca, a matéria é vista como “uma espécie de privação” (*stereménos poiós*)¹²⁰: “Não sendo ela própria, é outra em relação à beleza do ser”¹²¹.

Um segundo e flagrante exemplo pode ser retirado do já referido *Comentário ao Timeu*, de Calcídio¹²², no qual o termo ‘χώρα’ começa por ser

¹²⁰ PLOTINO. *Enéadas*, II4, 13, 11.

¹²¹ PLOTINO. *Enéadas*, II4, 16, 26-27.

¹²² Vide BORDOY, 2010, de quem extraio as citações seguintes. O A. cita a edição WASZINK, J. H. *Timaeus, A Calcídio translatus commentarioque instructus*. London: Warburg Institute, 1962. Serie Corpus Philosophorum Medii Aevi. Corpus Platonicorum.

traduzido por “lugar”, na expressão “*existens locum generationem*”¹²³ para vir a receber a tradução “matéria”¹²⁴. Os motivos invocados para esta inconsistência prendem-se com argumentações no domínio da teologia, mas a observação de Aristóteles na *Física* não pode deixar de ter pesado na mente do comentador.

3. Acrescento, à guisa de *coda*, um último comentário. A leitura aristotélica do argumento de Platão, no *Timeu*, ilustra um momento de fratura na História da Filosofia. Embora não me pareça possível imaginar qual teria sido o futuro da ciência física sem o conceito de ‘matéria’, não é difícil registrar as consequências da recepção desse conceito pela tradição neoplatônica.

Como se viu, Aristóteles não se limita a fixar terminologicamente o conceito¹²⁵. Ao apontá-lo a par da ‘forma’ e da ‘privação’ como um dos princípios da Física¹²⁶, insere-o numa teoria explicativa dos processos que permitem identificar e caracterizar as transformações sofridas pelos entes naturais.

É essa contextualização no hilemorfismo que Plotino escamoteia. Uma vez ignorada a acepção aristotélica da ‘matéria’ como um relativo, o conceito é inserido na ontologia neoplatônica. Aí, como limite inferior da hierarquia dos entes, é integrado num contexto ético e antropológico degradado, já perceptível no *Timeu* e no *Filebo*¹²⁷, sendo identificado com o mal.

Estranho a esta visão mística do cosmos, por sua vez, Descartes empreende a “salvação” da matéria convertendo-a em substância, em posição equipolente ao “pensamento”. Com este movimento, o conceito recupera a função explicativa que só chegara a desempenhar na tradição aristotélica, sem perder, por via da associação ao atomismo, a importância científica que Hegel vivamente contestará¹²⁸.

¹²³ CALCÍDIO. *Comentário ao Timeu*, p. 51, L. 6-7.

¹²⁴ *Silva*: p. 273, L. 15.

¹²⁵ Adaptando um termo corrente com o qual se designava o material utilizado na construção de casas (*hýlē*: “madeira”).

¹²⁶ ARISTÓTELES. *Física*, A9, 191b35-192a35.

¹²⁷ Como é oportunamente notado por CARONE, G. R. *A cosmologia de Platão e as suas dimensões éticas*. São Paulo: Loyola, 2008.

¹²⁸ HEGEL. *Lezioni sulla storia della Filosofia*. Trad. di E. Codignola e G. Sanna. Firenze: La Nuova Italia, 1967. Cf. p. 337-340. O fulcro da crítica hegeliana ao “atomismo científico” incide na afirmação da “indiferença” da hipótese atômica perante ao problema da determinação da diversidade material, que faz o uno “perder o seu caráter determinado” (p. 339).

RESUMO

Este artigo segue a evolução conceitual explícita nos termos e expressões gregos habitualmente traduzidos por ‘matéria’ em alguns textos filosóficos, como a *Física* e a *Metafísica*, de Aristóteles e o *Timeu*, de Platão. Tentarei provar que um conceito como o de ‘*khóra*’ é de todo estranho à nossa ‘matéria’ e que até a ‘*hylé*’ aristotélica se acha muito longe da ‘*res extensa*’ cartesiana. Tentarei estabelecer a relação da ‘*khóra*’ platônica com a noção de um “lugar no espaço”, defendendo que, embora Platão se mostrasse interessado por aquilo que lá ia acontecendo, não se preocupava com a questão de saber *que coisas estavam lá*, de fato. Não considero este problema ocioso, embora a alguns assim possa parecer. Como Aristóteles declara, a filosofia é feita através do criticismo conducente ao refinamento dos conceitos. Sugerir que a física platônica leva a um beco sem saída faz todo o crédito à abordagem seguida por Aristóteles na *Física*, além de sugerir as razões que o levam a confundir a ‘*khóra*’ platônica com a sua ‘*hylé*’.

Palavras-chave: *Timeu*. Física Antiga. Metafísica. Cosmologia. Estrutura conceitual. Matéria.

ABSTRACT

This essay follows the conceptual evolution shown in some Greek terms and expressions usually translated by ‘matter’ in philosophical texts, concentrating on Aristotle’s *Physics* and *Metaphysics* as well as on Plato’s *Timaeus*. My aim is to show that a concept such as ‘*chora*’ is totally alien to our ‘matter’ and even Ar.’s ‘*hylé*’ is very far from Descartes’ concept of ‘*res extensa*’. I try to establish the relation of the platonic ‘*chora*’ to the notion of a “place in space” sustaining that though Plato was interested in understanding what was happening there, how and why, he was never concerned with the question of knowing what *things* in fact *were there*. Though for some it may seem so, I do not consider this an idle problem. As Aristotle states, philosophy is pursued through conceptual criticism and refinement. Suggesting that Pl.’s *Physics* in the *Timaeus* leads to an *impasse*, does deserved credit to Ar.’s approach in his *Physics* and charitably explains his confusion of Pl.’s ‘*chora*’ with his own ‘*hylé*’.

Key-words: *Timaeus*. Ancient Physics. Metaphysics. Cosmology. Conceptual Structure. Matter.